



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8975 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

Filosofia da educação no passo de Gradiva

Amarildo Trevisan - UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

Filosofia da educação no passo de Gradiva

Resumo: O texto consiste em pensar a relação entre filosofia e educação, inspirada na metáfora do passo de Gradiva, extraída do romance *Gradiva, uma fantasia pompeiana*, de Wilhelm Jensen. O foco da discussão se estabelece a partir da apropriação realizada por Freud deste romance, no livro *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*, em confronto com a interpretação de Jacques Derrida em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Nesse sentido, observamos que a filosofia e a educação podem repensar a sua relação com as teorias da educação e a formação de professores, segundo a arqueologia do mal de arquivo. Além disso, percebemos a necessidade de dar um passo que redimensiona os sonhos, delírios e os (des)encontros que compõem a sua atuação neste contexto. O artigo termina por incentivar a experiência da busca arqueológica de saberes, pois assim mantém contato com o encanto do passo de Gradiva, embora reconheça a sua sina no mal de arquivo.

Palavras-chave: filosofia da educação; mal de arquivo; teorias da educação; formação de professores.

Introdução

A psicanálise emerge no modelo da interpretação dos sonhos, por Freud (1856 – 1939), disposta a decifrar os seus enigmas e disfarces. Ele percebeu que o inconsciente se manifesta nas arestas, nas frinchas ou nos momentos em que a mente afrouxa os controles sobre o consciente, sendo os sonhos um desses instantes privilegiados. Por isso, passa a analisar os diversos sonhos relatados por seus pacientes como uma matéria-prima da arqueologia mental. No livro *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*, ele procura fazer esse experimento avançar, disposto a analisar também as manifestações semelhantes que ocorrem na criação de um romance. Trata-se do livro que lhe foi sugerido por Jung, denominado *Gradiva, uma fantasia pompeiana*, do romancista alemão Wilhelm Jensen (1837 – 1911). O autor conta uma história que tem como ponto de partida o encontro de uma peça de mármore do tempo áureo da Grécia antiga.[\[1\]](#)

O personagem principal da novela, Norbert Hanold, um arqueólogo do norte da

Alemanha, ao fazer uma de suas viagens a Roma encontra uma pequena peça de mármore que o deixa encantado com a imagem da mulher ali representada e a nomeia imediatamente como Gradiva, que, na tradução do latim, significa aquela que avança. Consegue uma cópia de gesso e guarda como um fetiche em seu escritório, numa cidade universitária da Alemanha, para contemplá-la periodicamente. Nela, aparece a cena de uma mulher jovem, caminhando e vestida com uma túnica comprida, em que ficam à mostra os seus pés adornados por sandálias e com um dos passos graciosamente na posição vertical. Seduzido pela forma do passo de Gradiva ilustrado no baixo-relevo, Hanold procura desesperadamente localizar a pessoa que o fascinou, desenvolvendo sonhos e delírios que o levam às ruínas de Pompeia.^[2] Talvez esse aspecto tenha chamado a atenção de Freud pela semelhança com o tratamento analítico-terapêutico, bem como a relação com a “arqueologia” das ruínas de Pompeia, metáfora essa que permeia as explicações freudianas dadas ao inconsciente pela psicanálise e que o levaram várias vezes à Itália.

A influência do discurso psicanalítico nas mais diversas práticas do saber é notória. Sempre atentos aos deslocamentos criados pelo discurso da psicanálise, a extensão do impacto do caso relatado no romance foi tanta que os Surrealistas transformaram Gradiva na sua musa inspiradora. Salvador Dalí chegou a apelidar a sua esposa Gala de Gradiva e a pintar um quadro em sua homenagem. Tal situação é possibilitada também à filosofia da Educação por várias “coincidências”, como as que ocorrem a partir da assimilação da obra original, de Jensen, nas interpretações oferecidas por Freud e Derrida. Afinal, como bem salienta Mendes: “A psicanálise vai além das fronteiras do consultório, incidindo e tentando interferir nos mais diversos campos do saber” (2005, p. 53).

Para potencializar melhor a compreensão, certamente é preciso encontrar uma porta de entrada para aflorar a reflexão sobre um tema tão controverso. Vemos essa possibilidade quando Jacques Derrida (1930-2004) analisa a apropriação de Freud do livro de Jensen sob o prisma do seu quase-conceito de “mal de arquivo”. Depois de assinalar que o passo da Gradiva fala de si mesmo, ele adverte que “Hanold sofre do mal de arquivo” (2001, p. 126). Ou seja, o personagem principal passa pelos mesmos sonhos, delírios e (des)encontros do mal de arquivo da psicanálise e de outras áreas do conhecimento que precisam da história para se autocompreender. Mas que passo(s) a relação entre filosofia e educação pode dar inspirada neste livro?

Guiados na metáfora do passo de Gradiva, pretendemos no artigo abordar alguns dos atuais desafios para a filosofia da educação, tentando decifrar também os seus enigmas e disfarces. Vamos procurar inicialmente fazer uma inserção no tema a partir do conflito das duas interpretações do romance, por Freud e Derrida. O objetivo maior é desocultar o que Derrida propõe à interpretação freudiana, pelo desejo de memória provocado no mal de arquivo. Por fim, como passagem do sonho-delírio ao real, mas também como forma de não perder o encanto, averiguar que passo(s) a filosofia da educação pode dar movida no rastro de Gradiva.

A Gradiva de Freud-Derrida

Freud percebeu a subserviência exclusiva com que Hanold se dedicou à ciência da arqueologia, o que lhe causou o recalque das emoções, fato esse que o levou a Pompeia atrás da origem da figura encontrada no baixo-relevo. Diferentemente, a Gradiva, de Derrida, é analisada sob o espectro do mal de arquivo, reflexão que aparece no Post-

Scriptum do seu livro *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Nesse ponto, Derrida está preocupado com o âmbito da promessa do arquivo, com a sua abertura ao devir constante, uma vez que há uma falha a ser preenchida na sua impressão histórica. Isso permite ao arquivo abrir-se para o futuro e à promessa.

Derrida tem consciência da crise da metafísica, mas percebe a presença dos seus resquícios na obra de Freud. Quando teve contato com a obra freudiana, já havia publicado a sua “Gramatologia”, o que o levou a perceber as contribuições da filosofia sob o prisma do traço, em que os fantasmas habitam os espaços da escritura: “A escritura seria basicamente espaçamento, inscrevendo e dispondo traços num espaço produzido pelo próprio processo de diferir” (Birman, 2007, p. 291). E isso lhe foi permitido na medida em que procura mostrar, a partir de uma análise de sua obra, que a escritura faz parte da estrutura do psiquismo, pois Freud chegou a comparar o inconsciente com várias metáforas, sendo que as mais importantes foram a da máquina de escrever e o bloco mágico. Por isso, viu na psicanálise a materialização da sua filosofia, em que “as narrativas seriam produções de seus fantasmas e esses regulariam o processo de interpretação que empreendiam” (Birman, 2007, p. 293-294). A lógica espectral permite ir além da metafísica, quebrando assim a dicotomia de que haja um dentro e um fora, pois o fantasma é uma entidade que não se limita nem ao inteligível e nem ao sensível. Chega a sugerir nesse sentido uma revisão do logocentrismo, uma vez que a filosofia se consolidou, com Sócrates, como um registro alicerçado no fonocentrismo, ou seja, na fala e não na escrita, dado que Sócrates nada escreveu.

Segundo Derrida, é preciso ir além da análise freudiana do romance, pois a sua noção de arquivo ainda está marcada por resquícios metafísicos, no objetivo de encontrar uma impressão primeira, literal, o que, na visão kantiana, seria como encontrar “a coisa em si” do fenômeno. Por isso, “Freud pretende ainda trazer à luz uma origem mais originária que a do espectro” (2001, p. 125), ou seja, transcender a representação do fantasma em direção ao que o gerou. A busca de Freud nesse sentido seria a de ir adiante inclusive em relação ao romancista, bem como em relação à própria ciência objetiva da arqueologia, enfim é uma investigação à procura do arquivo na sua forma original.

Hanold era versado em decifrar enigmas, desde os mais indecifráveis, até os mais enigmáticos, e viaja a Pompeia disposto a “reencontrar seus traços, os traços do passo de Gradiva” (2001, p. 126-127). É no momento em que encontra a peça que compreende também como Pompeia pode voltar a ter vida, pela sua memória, que lhe desperta uma “pulsão” ou “pulsão íntima”. É uma busca, sublinhada por Freud, do literal, da impressão primitiva, a *arché*, em síntese: “Ele sonha fazer reviver” (2001, p. 127) o passo que Gradiva teria deixado nas cinzas de Pompeia, como se fosse uma assinatura.

No entanto, Derrida argumenta contra a busca metafísica pela unicidade que o “seu preço é infinito”. E mais, é “incomensurável onde é inencontrável” (2001, p. 127). E que toda esta obsessão só pode ser sonhada *a posteriori*, por isso infere: “A memória fiel de uma tal singularidade só pode ser entregue ao fantasma” (2001, p. 128). Há, portanto, uma dívida no arquivo, uma “falta de saber”, um mal de arquivo na origem e esse é o segredo que a literatura, emancipada das Sagradas Escrituras, quer revelar: “o segredo inviolável de Gradiva”, que é comum ao sentimento de Hanold, de Jensen e Freud, entre outros, conclui Derrida.

Quando reflete sobre a função da pulsão de morte sobre o arquivo, vai inferir também que: “Ela trabalha para destruir o arquivo: com a condição de apagar, mas também

com vistas a apagar seus 'próprios' traços – que já não podem desde então ser chamados 'próprios'" (Derrida, 2001, p. 21). Ou seja, a pulsão de morte age no coração do arquivo, deixando margem para a memorização, a repetição, a reimpressão e, nesse sentido, conclui que a própria repetição, a lógica da repetição e, inclusive, "a compulsão à repetição é, segundo Freud, indissociável da pulsão de morte" (2001, p. 23).

No caso da filosofia da educação, a compulsão à repetição ocorre por conta de sua institucionalização nas ementas das disciplinas e no arquivo dos currículos das licenciaturas, que reforçam dicotomias ultrapassadas entre teoria e prática. Um exemplo consta no estudo realizado por Bernadete Gatti, no Brasil, entre os anos 2008-2009, nos currículos e ementas de licenciaturas em pedagogia, língua portuguesa, matemática e ciências biológicas. Gatti constata aí que a área dos fundamentos da educação é responsável por cerca de 43% da carga horária desses cursos, junto com as disciplinas variadas e gerais, denominadas de "outros saberes" e as "atividades complementares". Além disso, apresenta nesse artigo alguns quadros (Tabelas 8, 9, 10 e 11) em que os fundamentos da educação aparecem em primeiro plano, dicotomizando teoria e prática na formação de professores. Certamente isso vem colaborando, entre outros fatores, para o baixo nível de conclusão desses cursos e, além disso, para os números negativos de crescimento no país desses mesmos cursos (Gatti, 2010, p. 1361). Esse panorama requer uma nova interação teoria e prática, que se traduz numa outra compreensão referente a posição que ocupa a filosofia da educação na arqueológica dos saberes da formação para a docência.

Além disso, sugerimos mais alguns passos, como retomar o debate sobre a importância das teorias da educação para o campo pedagógico, sair da reificação do quadro das tendências e correntes pedagógicas, resistir à tendência a servir apenas de diagnóstico de época e aventurar-se em novos temas e problemas emergentes do contexto contemporâneo.

Conclusões

O artigo procurou repensar a contribuição da filosofia da educação inspirada no livro *Gradiva*, de Jensen, segundo a interpretação de Freud-Derrida. A análise de Freud alerta para o risco de se perder nos ditames da ciência positiva, obedecendo a um regramento técnico-metódico simplesmente, como foi o caso de Hanold. Foi isso que o fez cair na pura fantasia do delírio espectral que o conduziu em busca de Gradiva na cidade de Pompeia, embora ela sempre estivesse vivendo há poucos metros de sua casa. Com Derrida, percebemos ser preciso dar o passo de Gradiva, mas sem recair no encanto da busca da sua impressão primeira, almejada por Freud, pois tal iniciativa está contaminada por uma visão metafísica do saber. Diferentemente, como o mal de arquivo está no coração do arquivo, o filósofo infere que as narrativas são permeadas por produções de seus fantasmas, os quais regulam o processo de interpretação.

A comparação com a história de Hanold-Gradiva não é casual, mas reflete sobre um "mal de arquivo" que está presente também na filosofia e educação, uma falha ou falta, um vazio que a leva à adoção de saídas repetitivas, as quais são alheias à pulsão criadora de vida. Creemos que estes aspectos nefastos deveriam ser combatidos no campo da educação de modo geral e, na filosofia da educação de maneira especial, pois, embora haja grandes progressos nos debates teóricos, infelizmente a sua incorporação nos currículos das licenciaturas ainda está aprisionada por vezes a fórmulas repetitivas, abstratas e sem vida.

Uma vez que as teorias da educação – pela sina do mal de arquivo – apresentam espaços na escritura do discurso pedagógico, ausências, fantasmas, repetições, melhor seria se pudessem igualmente ser traços que sinalizam novos horizontes da reflexão pedagógica. Em vista disso, os passos que propomos aventam possibilidades ou promessas para enfrentar os fantasmas da repetição que lhe assombra a existência periodicamente, para que a filosofia da educação seja acordada dos seus sonhos, delírios e os (des)encontros do mal de arquivo, sem perder a sua potência e graça características.

Referências:

BIRMAN, J. Escritura e psicanálise: Derrida, leitor de Freud. *Natureza Humana*. 9(2): 275-298, jul.-dez. 2007.

DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FREUD, S. *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2003.

GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010.

JENSEN, W. *Gradiva, uma fantasia pompeiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

MENDES, E. R. P. No passo da Gradiva. *Estudos de Psicanálise*. Rio de Janeiro, n. 28, p. 51-60, setembro 2005.

[1] Segundo Freud (2003, p. 101), o baixo-relevo está no Museu Chiaramonti do Vaticano (nº 644), tendo sido restaurado e interpretado por Hauser. Juntando com outros fragmentos que estão no museu de Florença e Munique, dariam 2 relevos identificando 3 figuras que representam as Horas: as deusas da fertilidade e do orvalho.

[2] Cidade situada a 22 km de Nápoles, na Itália, que foi sepultada pelo vulcão Vesúvio em 79 d.C.